

XIV Jornadas Interescuelas/Departamentos de Historia. Departamento de Historia de la Facultad de Filosofía y Letras. Universidad Nacional de Cuyo, Mendoza, 2013.

# **As memórias dos estudantes paranaenses - 1964-1985.**

Schmitt y Silvana Lazzarotto.

Cita:

Schmitt y Silvana Lazzarotto (2013). *As memórias dos estudantes paranaenses - 1964-1985. XIV Jornadas Interescuelas/Departamentos de Historia. Departamento de Historia de la Facultad de Filosofía y Letras. Universidad Nacional de Cuyo, Mendoza.*

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/000-010/434>

*Acta Académica es un proyecto académico sin fines de lucro enmarcado en la iniciativa de acceso abierto. Acta Académica fue creado para facilitar a investigadores de todo el mundo el compartir su producción académica. Para crear un perfil gratuitamente o acceder a otros trabajos visite: <https://www.aacademica.org>.*

## AS MEMÓRIAS DOS ESTUDANTES PARANAENSES – 1964-1985

*SCHMITT, Silvana Lazzarotto<sup>1</sup>*

### Introdução

Este estudo tem como objetivo a elucidação das características da organização dos estudantes paranaenses durante o período de 1964 a 1985. O recorte temporal justifica-se na medida em que representa o exercício de um governo militar no qual estudantes e outros setores da sociedade estiveram organizados no sentido de romper com muitas ações desse governo. O estudo voltou-se para o Movimento Estudantil (ME) no Estado do Paraná – Brasil, tendo em vista que ainda não há literatura produzida sobre essa forma de organização estudantil e pela compreensão de que ela contribuiu na forma como o governo militar se organizou.

No percurso para o levantamento de fontes encontramos grande dificuldade em consultá-las, porque as fontes que tratam especificamente do objeto de estudo são primárias e, como já é do conhecimento de muitos, a história tem mostrado que não há interesse em arquivar documentos, especialmente de um período da história do país com tanto acontecimentos obscuros. O estudo foi feito à luz dos acontecimentos sociais, econômicos e políticos do período em apreço. A análise das fontes primárias foi realizada a partir de uma fundamentação teórica que busca utilizá-las de forma sistemática e com rigor teórico. As fontes secundárias utilizadas tratam da forma como a sociedade esteve organizada no período, bem como da produção referente ao ME brasileiro, seja universitário ou secundarista.

Para atingir nosso objetivo nos utilizamos de entrevistas com ex militantes estudantis realizadas pela autora para escrita da dissertação de mestrado em educação, bem como daquelas disponibilizadas no meio digital em jornais arquivados ou não na Delegacia de Ordem Política e Social do Paraná (DOPS-PR). Consideramos pertinente estabelecer uma relação entre o que está posto nos documentos, especialmente os oficiais, e a prática desenvolvida pelos estudantes paranaenses no período de 1964 - 1985. Destacamos ainda que a edição dos depoimentos realizados foi feita à luz do interesse em discutir a forma como os estudantes secundaristas do Paraná estiveram organizados no período em apreço. Tendo em vista o recorte temporal de nossa pesquisa, destacamos a necessidade de compreender o conceito de memória, haja vista

---

<sup>1</sup> Professora do curso de pedagogia da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE. E-mail: [sillazzarotto@hotmail.com](mailto:sillazzarotto@hotmail.com)

que é um período recente da história da sociedade brasileira, caracterizado por uma ditadura civil-militar que negligenciou e ocultou o conhecimento de muitos fatos.

### **Bases teórico-metodológicas**

No ano em que o Golpe Militar brasileiro completa 49 anos, pode-se dizer que há um debate significativo sobre este período. Neste sentido, reflexões, considerações descobertas e a abertura dos arquivos da polícia política na América Latina, e especialmente no Brasil, bem como os problemas em torno da acessibilidade dos mesmos, são discussões pertinentes a serem abordadas em pesquisas sobre o período da ditadura militar.

Nesta senda, o estudo analisa a organização estudantil paranaense tendo como pressuposto os acontecimentos sociais, políticos e econômicos do período. Por isso, apresenta algumas entrevistas, as quais ilustram um pouco da forma como os estudantes paranaenses estiveram organizados neste momento. Ressaltamos que a análise foi realizada com base em referencial teórico referente a memória e a história oral, porque ao utilizarmos a história oral, estaremos nos remetendo a memória, que Rousso define como a presença do passado, ou seja, “[...] é uma reconstrução psíquica e intelectual que acarreta de fato uma representação seletiva do passado que nunca é aquele do indivíduo somente, mas de um indivíduo inserido num contexto familiar, social, nacional” (ROUSSO, 2005: 94).

Apesar de a história oral ser utilizada com mais frequência por historiadores, ponderamos que outras áreas do conhecimento podem utilizá-la, a exemplo da Educação, mais especificamente nos estudos em história da educação. Destacamos que o uso da história oral, embora remonte aos primeiros historiadores, se estabeleceu como prática e movimento nas décadas de 1960 e 1970, sendo um instrumento eficaz de coleta de fontes, repercutindo em debates entre os historiadores orais no que concerne à memória e à história.

Salientamos ainda que:

A perspectiva que concebe a possibilidade de produção de conhecimento tendo a memória como documentação e considera todo o seu componente imaginário, era impensável no passado, em um tempo que entendia o documento de forma mais estrita, sem alcançar a relatividade e a ficcionalidade promovidas pela memória. (ALMEIDA, 2009: 214).

Todavia, partimos de um referencial teórico que nos permite pensar a memória para além da lembrança de fatos, Almeida (2009) destaca que a memória constitui-se dos atos de lembrar e esquecer, a um só tempo, e esses são produzidos socialmente. Dessa forma, a memória é resultado das relações estabelecidas pelos sujeitos em condições sociais e históricas determinadas. Portanto, a análise das memórias dos estudantes que viveram durante o período de ditadura militar, pressupõe a compreensão do contexto vivido.

### **As memórias dos estudantes e a organização estudantil paranaense**

De forma sucinta, retomamos o contexto social/político/econômico do Brasil no período, o qual está permeado por um controle social no sentido de barrar movimentos sociais que tinham como objetivo a busca por melhores condições de vida. O governo era militar, ou seja, não havia processo de escolha do governo. A economia era dependente dos países desenvolvidos e havia uma polícia política atuante que visava identificar e frear pessoas e movimento voltados para a defesa dos direitos sociais. É, portanto, um momento balizado por prisões, torturas, desaparecimentos, assassinatos de pessoas consideradas subversivas. Em contrapartida havia pessoas favoráveis ao governo militar.

Assim, iniciamos nosso texto com o depoimento de Robinson Nogueira<sup>2</sup>, militante estudantil na cidade de Toledo-Paraná no final da década de 1960, onde estudou no Colégio La Sale e fez o ensino fundamental séries finais, antigo ginásio, em Castro, quando estudou no Colégio Cristo Rei, concluindo o ensino médio em Curitiba.

Ele relatou que a organização estudantil secundarista em Toledo ocorria de forma mais sistematizada através da instituição de nível municipal, a União Toledana de Estudantes Secundaristas-UTES, mas que havia grêmios estudantis, porém não estavam articulados como a UTES. Mesmo assim ressalta que essa organização ainda era incipiente com relação às discussões das questões sociais do período.

Segundo o mesmo entrevistado, no início da ditadura, como ainda era muito jovem, tinha entre 10 e 11 anos de idade, não estava atento aos acontecimentos relacionados à ditadura civil-militar, sendo que a consciência política de sua geração se

---

<sup>2</sup> Robinson Nogueira (*in memoriam*) era jornalista no jornal *O Paraná*, na cidade de Cascavel. Concedeu entrevista em 11 de junho de 2010.

iniciou no final da década de 1960 e início de 1970. Lembra que os fatos mais marcantes de sua infância estavam relacionados à Copa do Mundo:

Era uma situação muito difícil, mas essa situação difícil para nós não significava quase nada, porque éramos praticamente crianças, comecei a ter consciência política por volta dos meus 14/15 anos. Mas a grande maioria não estava nem aí, o país estava fervendo, pegando fogo e eles não sabiam de nada, não tinham interesse. Pelo contrário as histórias de Pra frente Brasil, Transamazônica e Copa do Mundo eram assuntos muito mais correntes no meio estudantil do que a própria situação política. A não ser quando ela atingia, por exemplo, alguém da cidade. (NOGUEIRA, 2010).

Esse fragmento do depoimento de Robinson nos remete a questões que dizem respeito à propaganda política disseminada pelo governo militar, a qual tinha como objetivo desviar a atenção da população das ações obscuras, e difundir a ideia de que o governo militar tinha como objetivo reconstruir o país.

Robinson continuou sua militância no ME universitário, quando foi cursar ensino superior na capital do Estado, fato corriqueiro para a época, haja vista que não havia oferta de ensino superior no Oeste paranaense.

Outro depoimento relevante é do ex-militante Romeu Tolentino<sup>3</sup>, quando confirmamos algumas características da organização dos estudantes paranaenses. Tolentino foi um dos fundadores do Grêmio Estudantil Castro Alves, do Colégio Wilson Joffre, em 1965 na cidade de Cascavel-Pr. Também participou da Associação Cascavelense de Estudantes Secundaristas – ACES, em 1968, como presidente da instituição e, posteriormente, foi membro da União Paranaense de Estudantes Secundaristas – UPES, no ano de 1969.

Quando questionado sobre a forma como os estudantes secundaristas se organizavam para tomar decisões, relatou:

O pessoal lá era bem mais organizado do que agora, fazíamos o movimento com o objetivo de melhorar. Nós, por exemplo, não tínhamos uma cancha de esportes, não tínhamos nada de lazer, para realizar atividades nos intervalos e finais de semana. Então nós nos organizávamos e fazíamos as campanhas para comprar esses materiais. (TOLENTINO, 2010).

---

<sup>3</sup> Depoimento concedido no dia 4 de agosto de 2010 na cidade de Cascavel, Paraná. Atualmente Romeu Tolentino possui um consultório odontológico na referida cidade.

Em seu relato, comentou o fato de os estudantes secundaristas de Cascavel atuarem nas campanhas eleitorais, apoiando candidatos a vereador e a prefeito. Tal fato possibilitava, segundo Tolentino, o apoio de políticos no sentido de contribuir para a organização dos estudantes, especialmente no Oeste do Paraná, tendo em vista que ele retoma o fato de que a cidade de Cascavel tinha uma atuação importante na organização dos estudantes do Paraná, destacando ainda a realização dos dois congressos estaduais na cidade, bem como outros acontecimentos que demonstram uma boa articulação dos estudantes secundaristas na região.

Tolentino destaca que todas as cidades participavam dos congressos estaduais e que eram organizadas caravanas de estudantes. Os congressos eram relevantes porque, além de discutirem temas pertinentes à organização dos estudantes, eram ainda o espaço para a realização da escolha da próxima diretoria.

Ainda de acordo com Tolentino, quando questionado sobre a ação da polícia política com relação aos estudantes, ele recorda que “não podiam fazer muito barulho, era o tempo do AI-5, que pegava os estudantes”, assim qualquer ação estudantil era observada.

Contamos ainda com um depoimento de Alceu Esperança<sup>4</sup>, depoimento em que o ex-militante estudantil relata que, em 1964, cursava o quarto ano na Escola Adventista de Cascavel, e que seu pai, que era jornalista e tinha militância política clandestina, desapareceu para evitar ser preso.

Iniciou sua militância estudantil em Foz do Iguaçu, quando:

No Colégio Monsenhor Guilherme, em Foz, travei conhecimento com estudantes paraguaios, filhos de exilados, e argentinos, com os quais fiz uma amizade internacionalista inesquecível. Ali comecei a militância no movimento estudantil, apoiando para a diretoria do grêmio escolar a chapa que me pareceu mais progressista. Como a eleição foi no segundo semestre, o saldo dessa participação foi receber dos colegas argentinos a doação de livros impressos na URSS, em espanhol, com literatura marxista-leninista. (ESPERANÇA, 2010).

Remetemo-nos, aqui, ao fato de haver, na cidade de Foz do Iguaçu, a possibilidade de articulação da esquerda em nível internacional, por ser uma região de fronteira e que possibilitava a fácil transição de um país a outro. Havia ainda o estudo de obras da esquerda, inclusive por estudantes mais jovens, como foi o caso de Esperança.

---

<sup>4</sup> Enviado à autora, via e-mail, no dia 19 de junho de 2010.

Devido à atuação política do pai, Alceu Esperança ficou fora de Cascavel até 1966, quando retornou para estudar no Colégio Wilson Joffre. Ele confirma aquilo que foi relatado por Romeu Tolentino, que está no fato de os estudantes secundaristas cascavelenses estarem muito bem articulados, pois, nas palavras de Alceu Esperança:

Em 1968, de volta ao Colégio Wilson Joffre, ao lado de estudantes que vieram de Foz do Iguaçu e Porto União, passei a participar da oposição à diretoria da Associação Cascavelense dos Estudantes Secundários (Aces), que tinha uma longa tradição de combatividade no movimento estudantil. Luiz Picoli, que depois traiu os estudantes passando para a Arena, fez uma grande façanha na época. Cascavel comandava a luta estudantil secundarista no Paraná.

Esperança destaca algumas questões referentes a organização dos Congressos Estaduais de Estudantes Secundarista - COESES, especialmente no que diz respeito à realização deste evento no ano de 1967, na cidade de Cascavel. Tal fato demonstra a articulação presente na organização estudantil dessa região. Relata ainda que um cascavelense esteve à frente da entidade máxima de representação secundarista no Estado e retoma alguns acontecimentos com relação ao XXIV COESES, realizado em Cascavel no ano de 1973:

O cascavelense Darlan Dallagnol foi por longo tempo presidente da UPES. Foi em Cascavel que pela primeira vez a UPES fez um megacongresso estudantil estadual. O local foi o Cine Teatro Coliseu. Um jornal publicou na ocasião uma charge em que um vendedor de doces gritou “Drops!”, anunciando uma balinha muito procurada, e alguns estudantes correram apavorados para se esconder. DOPS era a famigerada Delegacia de Ordem Política e Social, que reprimia estudantes, professores, dirigentes sindicais, jornalistas, advogados e democratas em geral. Mas, como a duração maior do regime e seu endurecimento, essa estrutura de resistência passou ao controle de políticos da antiga Arena. Os líderes estudantis só podiam fazer bailinhos e mais nada. (ESPERANÇA, 2010).

Ainda sobre o Colégio Wilson Joffre, Esperança relata que, no ano em que chegou a Cascavel, ocorreu a inauguração do referido colégio e que, ainda nessa época, ocorreram explosões em pontos variados da escola, como protesto contra a ditadura.

No ano seguinte, em 1967, ele foi estudar em Buenos Aires e lá também atuou no ME secundarista por meio de leituras de literatura de esquerda e da formação de um grupo de estudantes organizados que ele denominou como uma célula comunista. Destaca, porém, que:

Dessas atividades só restam as lembranças, pois nada podia ser registrado, seja em ata, ou em anotações particulares, pois havia sempre o risco de queda. Pelo País todo, eram frequentes as notícias de prisões de militantes de esquerda. (ESPERANÇA, 2010).

Tendo em vista a relevância do depoimento de Alceu Esperança, e também pelo fato de que esse texto foi enviado à autora de maneira sistematizada, estaremos nos utilizando dele de forma mais exaustiva, mas o objetivo é elucidar a história da organização estudantil no Estado do Paraná, e nada melhor do que nos utilizarmos da redação original feita pelo militante e historiador.

Outra característica retomada por Esperança está no fato de participarem das entidades estudantis membros da sociedade, que poderiam ou não ser estudantes devidamente matriculados em instituições escolares de nível secundário.

Em 1970, montamos uma chapa exclusivamente revolucionária, apenas com alunos do Colégio Wilson Joffre, pois os pais dos alunos do nosso grupo em outras escolas não os permitiriam participar. Concorremos à ACES com uma chapa denominada *Woodstock*, referência ao festival de música e paz realizado no ano anterior nos EUA. O nome escondia a militância marxista, fazendo de conta que era pró-EUA, aceitável na época. Mas a plataforma ia mais além, embora dita apenas em sala de aula. Propunha a paz mundial, democracia no Brasil, liberdade de organização estudantil, o desenvolvimento artístico e cultural (na ACES já havíamos criado o Festival da Canção, Fercapo, depois encampado pelo Tuiuti Esporte Clube) e propúnhamos a criação do ensino superior. (ESPERANÇA, 2010).

Nas entrelinhas do depoimento de Esperança podemos perceber que havia, sim, uma parcela de estudantes que estavam à frente das instituições estudantis secundaristas, que defendiam ou simpatizavam com os ideais da direita, fato que se justifica pela demora encontrada pelo seu grupo, de estudantes revolucionários, para então estarem à frente da organização dos estudantes.

Nossa chapa foi derrotada naquela eleição de 1970, o que estava nas previsões. O importante era participar, organizar. E como nossas propostas foram encampadas pelo vencedor, Rogério Córdova, um democrata que uniu todos os colégios e depois seria presidente da UPES, ele nos chamou imediatamente para continuar participando da entidade. Todos nós integramos imediatamente às atividades e, mais uma vez, quando Córdova passou a ser um dirigente estadual, o Departamento de Comunicação passou a dirigir informalmente a ACES, em aliança com representantes do MDB. Eu praticamente morava na sede da ACES: fazia militância estudantil durante o dia, estudava à noite e após as aulas ia à sede da ACES para escrever notícias para a Rádio Colméia, jornal *Diário do Oeste* e depois para o



jornal *Fronteira do Iguaçu*, que surgiu em 1971. (ESPERANÇA, 2010).

Assim, só dois anos mais tarde conseguiram chegar ao seu objetivo. Ele relata que o grupo a que pertencia precisou organizar-se de maneira a se infiltrarem na organização estudantil secundarista do Colégio Wilson Joffre de Cascavel quando:

Em 1972, depois de várias tentativas, finalmente nosso grupo conseguiu se infiltrar no Centro Estudantil Castro Alves (CECA), do Colégio Wilson Joffre. Do CECA, sairíamos somente em 1974, após um atrito com o diretor da escola, Erly Fauth. Nessa época, já havíamos travado contato com o MR-8 e outros movimentos jovens de esquerda, ligados ao PCB ou suas dissidências. (ESPERANÇA, 2010).

Essas considerações nos permitem pensar que, nas instituições de ensino secundário, havia grupos diferenciados de alunos, uns mais voltados para defender interesses da esquerda e outros que atuavam de forma mais “branda”, em consonância com as perspectivas do governo militar.

Também contamos com a entrevista do militante secundarista Luiz Antônio Siqueira<sup>5</sup>. Ele iniciou sua trajetória política no Colégio Wilson Joffre, principal escola pública de Cascavel, em 1974, quando foi membro do Grêmio Estudantil Castro Alves. Foi membro ainda da ACES, e, quando questionado sobre a forma como os estudantes organizavam as eleições, relatou que:

Organizávamos as chapas na escola e então passávamos nas salas de aula fazendo campanha. Quando fui para a ACES, que de lá foi para a UPES, eles visitavam todos os colégios, públicos e particulares, todos participavam, todos os colégios. Todas as escolas tinham seus grêmios, então organizavam uma chapa para concorrer as eleições para a ACES. (SIQUEIRA, 2010)

No ano de 1975, Siqueira foi para a UPES, atuando no ME secundarista até 1979. De acordo com ele, os estudantes secundaristas paranaenses se organizaram de forma estratégica, no sentido de aliar-se ao governo militar para evitar problemas com a DOPS e conseguir reorganizar os estudantes secundaristas paranaenses, porque, naquele momento, a entidade de representação a nível estadual (UPES) estava desarticulada e com uma grande dívida financeira.

---

<sup>5</sup> Depoimento realizado em 9 de março de 2010. Luiz Antônio Siqueira atualmente reside em Cascavel e é responsável pela implementação do projeto da Câmara Municipal de Cascavel denominado “Câmara Jovem”. Atuou no ME secundarista apenas a partir de 1974. Foi secretário da capital na gestão 1975/1976 da UPES.

Inclusive nós chegamos na UPES em 1975, tinha uma dívida, não sei como vou te falar, mas de 70 ou 80 mil reais, é muito longe para lembrar o valor. O valor acho que era esse mesmo, só não lembro se era cruzeiro, cruzado. E qual era a solução para isso? Onde tem dinheiro? No governo. Então não adianta eu continuar sendo oposição se eu preciso da situação. (SIQUEIRA, 2010).

Ele destaca que, até chegar na diretoria da UPES, ele e seus colegas eram contra o governo, a ditadura, mas quando chegaram lá e se depararam com a situação da entidade, refletiram sobre tais circunstâncias e então foram buscar o auxílio do governo no sentido de liquidar as dívidas e estruturar o ME, mas, segundo ele, isso não quer dizer que eles concordassem com as ações do governo militar, mas como uma forma de conseguir reorganizar o ME secundarista. Assim, iniciaram procurando o Exército e, em seguida, o governador do Estado, Jaime Canet Junior. Foram atendidos, mediante um compromisso com o governador de organizar a Arena Jovem, ou seja, um braço do partido político dos militares. Tinham o apoio do Exército e, então, a DOPS-PR não agia no sentido de frear os seminários da instituição.

Siqueira relata que, durante sua gestão, foi lançado um livro de poemas inéditos, financiado pela Prefeitura Municipal de Curitiba. Os poemas eram produzidos por alunos do ensino fundamental e médio das escolas paranaenses.

Expôs ainda que *não* sofreram com a ditadura, conheciam a legislação implementada, mas não iriam de encontro a ela ou ao governo. Afirmou ainda que sempre havia autoridades participando dos momentos de encontro dos estudantes paranaenses.

Para realizar os congressos, os membros da UPES iam até a cidade onde seria o evento com uma semana de antecedência e pediam ajuda no comércio e com as pessoas que residiam na cidade. Ele explanou que havia um preconceito da sociedade com a forma de apresentação dos estudantes da época: cabelos compridos, roupas extravagantes, etc.

No depoimento de Roberto Antonio Deitos<sup>6</sup>, que militou no movimento secundarista paranaense no início da década de 1980, conseguimos destacar mais um elemento da organização estudantil paranaense que está no fato de ocorrer organização via entidades católicas. Deitos nos chama a atenção para o fato de que as organizações

---

<sup>6</sup> Depoimento realizado em 9 de junho de 2010, na cidade de Cascavel. Roberto Antônio Deitos é professor do Programa de Mestrado em Educação e do Curso de Pedagogia na Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE.

que foram suprimidas pelo regime militar (como JUC – Juventude Universitária Católica, JOC – Juventude Operária Católica e as demais) foram substituídas pela Pastoral da Juventude, Pastoral Operária e assim consecutivamente.

Ele retoma o fato de que a organização estudantil secundarista no Oeste do Paraná era composta de estudantes mais politizados, no sentido de compreender as relações sociais que estavam postas pelo regime militar.

Destarte, ele relata o fato de que, nesse período, esteve em Cascavel o então presidente da República, João Figueiredo, acompanhado do governador do Estado do Paraná, Ney Braga. E houve uma mobilização de alguns membros da ACES para irem até a comitiva do presidente tentar estabelecer contato. Deitos ressalta que não foi uma ação coletiva dos membros da ACES e do ME cascavelense, mas representou os interesses daqueles que tinham uma concepção mais liberal de política.

Quando questionado sobre a relação entre o ME secundarista e universitário, Deitos relata que a interlocução entre os secundaristas e universitários no período em que ele atuou foi fraca. Considera que tal fato pode estar relacionado com a falta de formação política dos estudantes e com as dificuldades de locomoção e de comunicação da época.

Lembra que havia uma boa aceitação da comunidade escolar com relação às ações do ME secundarista ao relatar que:

Quando íamos fazer a campanha e conversar para eleição da diretoria da ACES, havia uma aceitação muito boa, tanto dos professores quanto da direção das escolas. Em quase todas as vezes que fizemos campanha nas escolas, não lembro de nenhuma vez ter tido problemas sério para entrar nas escolas, mesmo nas particulares, porque a gente tinha uma interlocução boa para ter acesso a escola. (DEITOS, 2010).

Ele diz que tinha como interlocução a Igreja, porque militava no movimento de juventude da igreja católica, destacando que essa era uma boa possibilidade de articulação dos jovens para militarem. Lembra ainda que faziam discussões nos intervalos, colocavam os problemas e conversavam com alunos e professores, inclusive nas salas de aula.

Sobre o processo de democratização considera que o ME secundarista da região pode ter contribuído para tal processo, mas não de forma decisiva. Havia outros movimentos que realmente engrossavam a reivindicação pela abertura política, como o movimento dos trabalhadores.

## **Considerações finais**

Os depoimentos analisados possibilitaram uma breve apreciação da forma como o ME secundarista esteve organizado, quais foram as principais dificuldades e as especificidades da organização de estudantes secundaristas paranaenses no período.

Enfatizamos ainda o fato de que a historiografia privilegiou, em suas análises, a história do ME de esquerda e que, portanto, desconsidera a direita do ME ao longo da ditadura civil-militar. Nesta seção buscamos destacar em que medida o ME paranaense esteve articulado com os interesses defendidos pela esquerda, bem como se os membros que militavam no ME eram todos cientes e defensores de tais interesses.

No Estado do Paraná, estiveram presentes as questões suscitadas no país, tanto com relação às intenções e às justificativas da direita ao apoiar o golpe, quanto com relação às ações da esquerda que iam no sentido inverso, propondo um outro modelo político ou lutando contra as injustiças e as atrocidades do governo militar. Ou seja, remetemo-nos ao grande paradoxo desse período, quando a direita justifica suas ações a partir da possibilidade de uma desordem nacional e a esquerda e outras sem militância política defendem os direitos humanos, melhores condições de vida ou o direito de ir e vir.

Outra questão anunciada está na articulação da Igreja Católica, por meio de alguns setores, no sentido de compreender as ações do governo militar como atrocidades e atentados à vida dos seres humanos e procurar, por meio, por exemplo, das Pastorais da Juventude, contribuir para a discussão e a ação dos jovens contra a ditadura civil-militar também no Estado do Paraná.

Com relação à orientação da legislação implantada pelo governo militar, uma passagem que nos chamou a atenção está no fato de que os militantes referem-se a entidade estudantil secundarista como Grêmios Estudantis ou Centros Estudantis. Isso nos leva a pensar que muitas das “ordens” provenientes do governo militar não chegavam ao conhecimento de toda a população e, mais, não eram obedecidas.

Todos, contudo, lembram e tinham conhecimento da Educação Moral e Cívica, de onde os centros cívicos foram estabelecidos, ou seja, a partir da legislação implementada para a obrigatoriedade dessa disciplina em todos os estabelecimentos de ensino do país, e os centros cívicos seriam como que uma ramificação dessa disciplina.

Percebemos que a atuação dos estudantes secundários nas cidades do Oeste paranaense não apresentava preocupação constante para com os órgãos de repressão. Ao analisarmos os depoimentos e os documentos da DOPS, podemos destacar tal fato, uma

vez que havia registros de eventos de nível estadual, como os congressos e não de atuação mais específica na cidade, ou até mesmo fichas individuais de militantes secundaristas.

Cabe ressaltar que os partidos políticos sempre estiveram presentes na organização do ME, seja secundarista ou universitário. Há autores que defendem a ideia de que a partidarização do ME contribuiu para a desarticulação dos estudantes após a ditadura civil-militar, como já citamos em nosso texto, mas há autores que dizem o contrário, ressaltando que o ME esteve organizado quando houve interferência mais assídua de partidos políticos.

Sobre a organização dos estudantes secundaristas de forma mais sistemática e mesmo atuante, relatada praticamente por todos os militantes entrevistados, podemos destacar que a pesquisa nos documentos também demonstrou tal organização. Desde os diversos eventos que foram realizados no período em estudo até a própria organização interna das entidades estudantis secundaristas, as quais registravam suas ações de forma sistemática, até para informar a polícia política.

Finalizamos destacando que muitas das informações relatadas pelas pessoas entrevistadas para este estudo se complementam com os dados coletados nos documentos da DOPS-PR. Assim podemos compreender um pouco da trajetória do ME secundarista paranaense no período de 1964-1984.

## **Referencias bibliográficas**

ALMEIDA, Dóris Bittencourt. As memórias e a história da educação: aproximações teórico-metodológicas. *História da Educação*, ASPHE/FaE/UFPel, Pelotas, v. 13, n. 27 p. 211-243, Jan/Abr 2009. Disponível em: <http://fae.ufpel.edu.br/asphe>

ROUSSO, Henry. (2005). “A memória não é mais o que era”. In: FERREIRA, M. F. e AMADO J. *Usos e abusos da história oral*. 6 ed. Rio de Janeiro : Editora FGV, p. 93-101.

## **Entrevistas/Depoimento**

NOGUEIRA, Robinson. Realizado no dia 19 de junho de 2010 em Cascavel – PR.

SIQUEIRA, Luiz Antônio. Realizada no dia 09 de março de 2010 em Cascavel – PR.

SPERANÇA, Alceu. Depoimento escrito pelo militante enviado para a autora em 11 de junho de 2010.

TOLENTINO, Romeu. Realizada no dia 04 de agosto de 2010 em Cascavel – Pr.